

ENTRE DOIS MUNDOS: UMA ANÁLISE VISUAL DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DOS ÍNDIOS POR E SOBRE ELES MESMOS

Eliane Bezerra Paiva¹ – PROLING/UFPB
Danielle Barbosa Lins de Almeida² – PROLING/UFPB

Introdução

As relações entre os povos e as pessoas foram radicalmente modificadas em razão da emergência das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) e do fenômeno da globalização. A radiodifusão e a televisão, via satélite, possibilitaram a transmissão de notícias em tempo real. A Internet encurtou distâncias e hoje, principalmente nas áreas urbanas do mundo inteiro, só vive desinformado quem, por opção, quer se isolar do resto do mundo. Nesse cenário, cujas marcas mais visíveis são a volatilidade e a instabilidade, as identidades estão em crise, razão por que a construção da identidade vem ocupando a atenção de diversos estudiosos, como Bauman (2005) e Hall (2003), entre outros.

Além disso, a leitura de imagens tem sido uma constante na atualidade (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006; JEWITT, 2008; UNSWORTH, 2001), uma vez que as representações visuais, tais como desenhos, fotografias, mapas etc., estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano. Além de complementar as informações de um texto escrito, essas representações constituem outro texto - o visual - dotado de significado e culturalmente embasado.

O objetivo do presente ensaio é analisar imagens de índios e discutir como se constroem as suas identidades. A nossa proposta de análise compreende duas imagens de índios: uma, produzida por índios, que corresponde à capa do livro “Os Potiguara pelos Potiguara” (SANTOS et alii, 2005), publicado pela Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Paraíba, em parceria com a Fundação Nacional do Índio – FUNAI (Figura 1); e outra, produzida pelo não índio: a capa da revista Ciência Hoje (2008) (Figura 2).

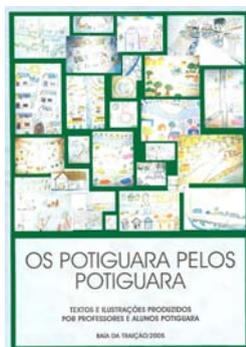


Figura 1: Capa do livro
Fonte: (SANTOS et alii, 2005)

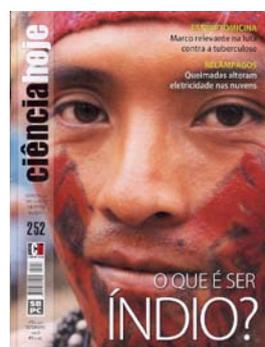


Figura 2: Capa da revista
Fonte: (CIÊNCIA HOJE, 2008)

O livro “Os Potiguara pelos Potiguara” (SANTOS et alii, 2005) é uma coletânea de textos, escritos em língua portuguesa e resultante de reuniões, relatos de experiências, oficinas, pesquisas e outras formas de participação dos indígenas sobre história, cultura e meio ambiente no contexto dos povos indígenas Potiguara. São narrativas indígenas, produzidas por professores, alunos e pela comunidade Potiguara. O livro é adotado nas escolas indígenas do Estado da Paraíba.

A Revista Ciência Hoje é uma publicação mensal da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), tem circulação nacional e é vendida através de assinaturas, em livrarias e bancas de revista.

Justificamos a escolha dessas imagens porque entendemos que ambas apresentam rico material para análise das representações dos índios. Diversos estudos, tanto na ótica do discurso - como o de Vigna (1995)

¹ Doutoranda em Linguística no PROLING – Universidade Federal da Paraíba. Professora do Departamento de Ciência da Informação (DCI/CCSA/UFPB).

² Doutora em Língua Inglesa e Literatura. Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística (PROLING) da UFPB.

-, quanto através de imagens, como a de Santos (2000), descreve inúmeras representações dos índios, na visão do homem branco, os quais eram mostrados como selvagens, exóticos, canibais. Essas representações envolvem questões muito peculiares a colonizadores e colonizados, vencidos e vencedores e atingem as estruturas ideológicas e sociológicas dos povos envolvidos (SANTOS, 2000).

Os indígenas, primeiros habitantes do Brasil, eram detentores de uma cultura eminentemente oral, e suas narrativas eram, em geral, transmitidas de geração a geração e incluem a história de seus antepassados. Na atualidade, os indígenas, embora representantes de uma parcela do povo brasileiro, constituem um segmento social desprestigiado, que depende de um organismo indicado pelo Estado para a sua tutela. A história dos povos indígenas brasileiros está inscrita em um processo violento, hegemônico e criador de dominação.

Percebemos a identidade como um constructo sócio-histórico. Portanto, constitui-se como um fenômeno essencialmente político, ideológico e em constante mutação. A identidade pode ser entendida não como algo que é fixo, imutável, mas como aquilo que é construído na diferença ou por meio dela; não é algo hermético, mas uma convenção socialmente construída. Para existir, a identidade depende de outra identidade que não é ela, que difere da sua, mas fornece as condições para que ela exista. A identidade é marcada pela diferença, que sustenta a exclusão (HALL, 2003).

Na hierarquia global emergente, podemos vislumbrar, num pólo, alguns indivíduos que constituem e desarticulam as suas identidades, mais ou menos à mercê de sua própria vontade, escolhidas dentro de um amplo leque de ofertas de alcance planetário. No outro polo, inserem-se aqueles a quem lhes foi negado o acesso à escolha da identidade e que, por não terem o direito de manifestar suas preferências, sentem-se oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros (BAUMAN, 2005).

Além disso, entendemos que, nas práticas discursivas, os sujeitos se revelam e, principalmente através da linguagem, eles constroem e projetam suas identidades. Assim como os textos, as imagens (linguagem visual) materializam os discursos, criam e fazem circular o sentido “ser índio”. Por essa razão, a nossa proposta de estudo tem como referencial teórico a Gramática do Design Visual.

1- Sobre a Gramática do Design Visual

A Gramática do Design Visual foi proposta por Kress e Van Leeuwen (2006) como uma possibilidade de se analisarem objetos visuais. Essa gramática, constituída a partir da Gramática Sistêmico-funcional de Halliday (HALLIDAY, 1994), permite descrever e realizar uma análise semiótica das imagens, cuja descrição estética possibilita que se visualize como os elementos internos são combinados para convergir com um todo significativo. Cada imagem carrega uma mensagem simbólica vinculada à sociedade, à história e à ideologia de quem a produziu e de quem a vê, possibilitando a construção de significados, conhecimentos e valores.

Em sua obra, Kress e Van Leeuwen (2006) realizam uma paridade entre uma gramática da língua e uma gramática visual, a partir das metafunções propostas por Halliday, que são apresentadas no Quadro 1, a seguir:

Metafunções propostas por Halliday (1994)	Metafunções propostas por Kress e Van Leeuwen (2002)
IDEACIONAL	REPRESENTACIONAL
INTERPESSOAL	INTERATIVA
TEXTUAL	COMPOSICIONAL

Quadro 1: Comparativo das metafunções

Correspondendo à metafunção ideacional, os criadores da Gramática do Design Visual apresentam a **metafunção representacional**, que diz respeito às estruturas que compõem visualmente a natureza dos eventos, objetos e participantes envolvidos (ícones, figuras, lugares, objetos e pessoas representados nas imagens) e as circunstâncias em que ocorrem, ou seja, os processos (vetores da imagem, linha dos olhos, posição do corpo, ferramentas utilizadas).

A partir da metafunção interpessoal, Kress e Van Leeuwen criaram a **metafunção interativa**, que é responsável pelas relações estabelecidas entre os participantes (quem vê e quem é visto). Essa metafunção

cria estratégias de aproximação ou afastamento do produtor do texto em relação ao observador da imagem, possibilitando o estabelecimento de um elo imaginário entre ambos. Nesse processo, são apontados quatro recursos utilizados: contato, distância social, perspectiva e modalidade.

A **metafunção composicional** foi criada com base na metafunção textual e desempenha o papel de combinar os elementos visuais de uma composição imagética para que ela faça sentido. A explicitação dos significados de uma composição ocorre através de três sistemas inter-relacionados: valor de informação, saliência e estruturação.

Para a análise das imagens dos índios, escolhemos duas metafunções: a composicional e a interativa, pois consideramos que são as mais adequadas para atingir o objetivo do estudo, que consiste em discutir a construção das identidades indígenas. No decorrer da análise das imagens, deter-nos-emos, com mais afinco, nessas duas metafunções.

2- A imagem do índio pelo índio

Para a análise da capa do livro “Os Potiguara pelos Potiguara”, optamos pela **metafunção composicional**, considerando os princípios da Gramática do Design Visual. Conforme Kress e Van Leeuwen (2006), essa metafunção descreve como os elementos composicionais de determinada imagem se articulam entre si para expressar ideias específicas e formar um todo coerente. Assim, consideramos os três recursos básicos da estrutura composicional: o valor de informação, a saliência e a estruturação.

O valor de informação refere-se à colocação (distribuição) dos elementos dentro da composição visual. No centro da capa, situam-se os elementos novos: as autoestradas e o desmatamento. Entretanto, no lado esquerdo da capa, constam elementos novos, como as casas, o corte da cana de açúcar, ao invés de elementos já conhecidos pelo observador e com os quais ele estaria familiarizado, conforme os preceitos da gramática de Kress e de Van Leeuwen, embora também se apresentem elementos já conhecidos, como a natureza (o rio). No topo da capa, local da informação ideal, aparecem as aldeias e, na base, encontram-se as informações práticas, o real: o título do livro, o local e o ano de publicação.

METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL

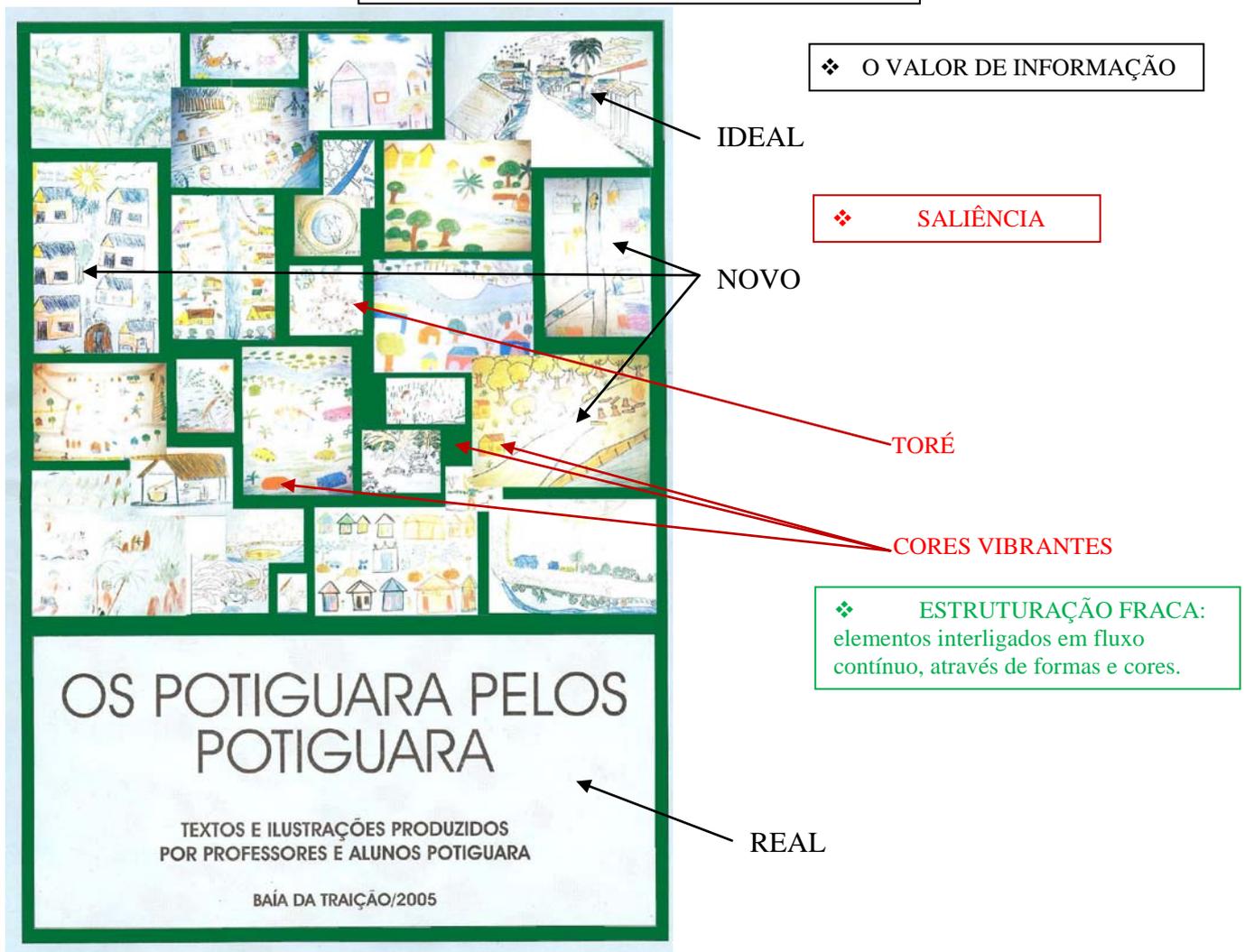


Figura 1: Capa do livro
Fonte: (SANTOS et alii, 2005)

A saliência, que corresponde à ênfase dada a determinados elementos dentro da composição visual, de forma a torná-los mais destacados e chamar a atenção do leitor, revela-se através das cores vibrantes presentes na imagem, como o amarelo, o laranja e o verde-escuro. Outro ponto que remete à saliência da composição é o Toré, que aparece no centro da imagem. Trata-se de um ritual indígena e corresponde a uma dança sagrada que pode ser dançada em momentos especiais pelos índios. Significa a própria cultura indígena e simboliza a luta e a resistência dos povos indígenas (SANTOS et alii, 2005).

Quanto à estruturação, que “se refere à presença ou não de objetos interligados” (FERNANDES; ALMEIDA, 2008, p. 25), percebemos uma conexão entre as figuras, através de cores mais vibrantes na posição central da imagem. Podemos dizer que a estruturação da imagem é fraca, pois seus elementos estão interligados em um fluxo contínuo, através de formas que se assemelham (retângulos) e cores suaves (especialmente a cor verde), o que remete a um sentido de identidade do grupo. Vale destacar a conotação da cor verde à natureza, ao ecológico.

As imagens apresentadas na capa do livro demonstram diversas faces dos Potiguara: a dança (o Toré), a caça, a pesca, o trabalho na lavoura da cana, o mangue etc. A natureza predomina nas figuras, principalmente a imagem dos rios. Também são retratados o desmatamento e a urbanização das aldeias. A cor verde predomina na composição e evoca o ecológico, a natureza. As figuras são retratadas sem perspectiva, lembram desenhos infantis e nos remetem à vida simples e a sentimentos de fragilidade e de inocência.

A capa constitui um todo harmonioso e deixa transparecer uma suposta unidade das aldeias, embora as figuras estejam representando cenários diferentes, dispostos em retângulos de tamanhos diversificados.

3- A imagem do índio pelo não índio

Para a análise da imagem do índio pelo não índio, optamos por adotar a **metafunção interativa**. Conforme mencionamos anteriormente, essa metafunção estabelece estratégias de aproximação ou afastamento do produtor da imagem em relação ao leitor (observador), buscando estabelecer uma ligação imaginária entre ambos. Descrevemos, a partir de agora, os quatro recursos utilizados nesse processo, a saber: contato, distância social, perspectiva e modalidade.

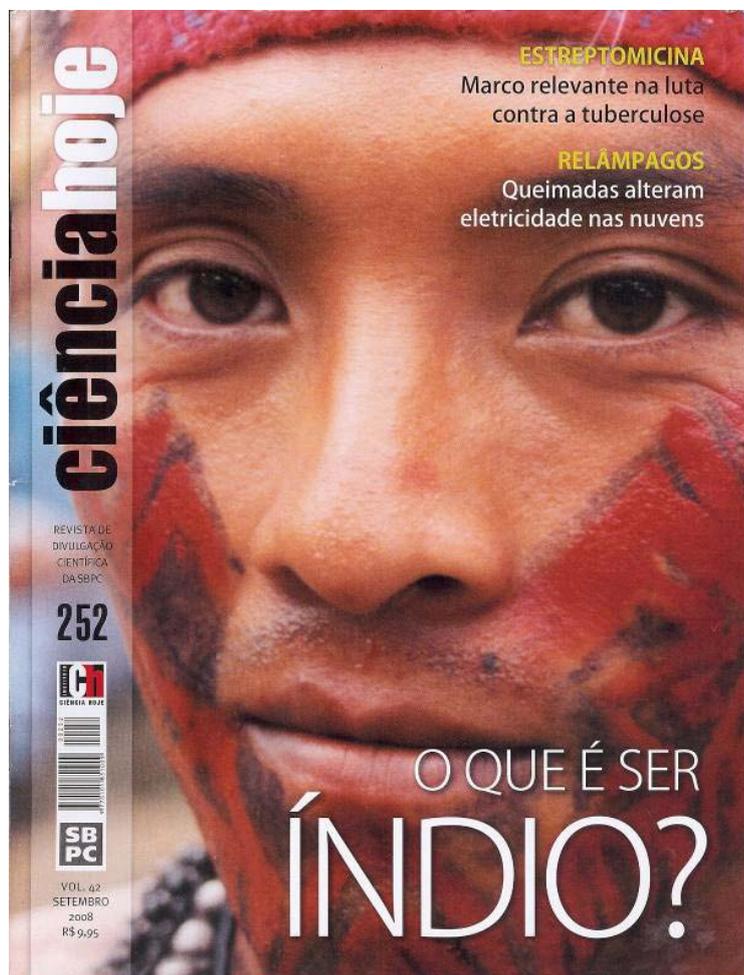


Figura 2: Capa da Revista CIÊNCIA HOJE (2008)

METAFUNÇÃO INTERATIVA

- ❖ CONTATO: demanda
- ❖ DISTÂNCIA SOCIAL: plano fechado
- ❖ PERSPECTIVA: ângulo frontal
- ❖ MODALIDADE: sensorial alta

“O **contato** é determinado pelo vetor formado, ou não, entre as linhas do olho do participante representado e o leitor (participante interativo)” (FERNANDES; ALMEIDA, 2008, p. 18). Na capa da revista, efetua-se uma demanda por parte do produtor da imagem, pois o participante representado, o índio, dirige seu olhar para o observador, convidando-o a interagir. Além da expressividade do olhar, o índio quase sorri, mostra-se disposto a interagir com o leitor. A imagem exige uma resposta do observador e, assim, constrói-se uma posição interpretativa que define o leitor (observador).

No que se refere à **distância social**, o participante é representado perto ou longe do leitor, estabelecendo uma distância maior ou menor entre ambos. Há, portanto, três enquadramentos que sintetizam essa relação: o plano fechado, o plano médio e o plano aberto. O primeiro inclui a cabeça e os ombros do participante representado. O segundo revela a sua imagem até o joelho, e o terceiro plano inclui todo o seu corpo. A imagem do índio, na capa da revista, aparece em plano fechado (*close-up*), pois apenas o seu rosto está representado, tornando o enquadramento bem próximo do leitor. Esse enfoque permite capturar cada detalhe do rosto e da expressão facial e ajuda a revelar traços de sua personalidade e a nos tornar mais intimamente familiarizados com o retratado. Entretanto, a imagem do índio não se aproxima do leitor. A pintura em seu rosto o torna estranho, exótico e desfavorece a aproximação com o observador.

Quanto à categoria **perspectiva**, ou seja, o ângulo ou o ponto de vista em que os participantes representados são mostrados, na imagem da capa da revista o índio é mostrado em ângulo frontal. Essa forma de representação sugere o envolvimento do observador com o participante representado. Embora a imagem do índio esteja no nível do olhar do observador, o que indica uma relação de poder representada como igualitária, a imagem não favorece envolvimento com o leitor.

A **modalidade** compreende os “diversos mecanismos que ajustam o nível de realidade que a imagem representa e que torna possível a criação de imagens que representam coisas, ou aspectos como se não existissem” (FERNANDES; ALMEIDA, 2008, p. 22). São mecanismos utilizados para modalizar imagens: utilização da cor – saturação, contextualização, iluminação e brilho. Na imagem analisada, observamos que a modalidade da imagem do índio foi diminuída, para produzir um impacto sensorial, um efeito mais que real, embora se trate de uma fotografia, gênero cujo valor de modalidade é tipicamente alto. Os mecanismos empregados na modalização foram: o uso de um vermelho intenso, ausência de um plano de fundo, iluminação real e grande luminosidade no rosto retratado.

A imagem apresentada na capa da revista é a de um índio que povoa o imaginário popular, especialmente a figura do índio presente na literatura, descrita por cronistas e viajantes: um ser selvagem e exótico, de pele avermelhada (SANTOS, 2000). As pinturas do rosto e os adornos (colares) reforçam essa ideia. É grande a ênfase dada aos olhos do índio (saliência), pois, além de chamar a atenção do observador, fornece a ideia de que o índio está nos observando. Os olhos são muito expressivos e, na visão fornecida, eles se assemelham a um animal acuado. O olhar é penetrante, mas indefinido; é triste e revela medo. A indefinição do olhar do índio representado complementa a expressão “O que é ser índio?”, localizada na parte inferior da capa da revista.

Em resumo, a imagem dos índios pelos não índios, correspondente à capa da Revista Ciência Hoje (2008), revela uma identidade indígena estereotipada, em que o índio está representado como um selvagem, exótico, quase animalesco. Enquanto que a imagem dos índios por eles mesmos, que aparece na capa do livro “Os Potiguara pelos Potiguara” (SANTOS et alii, 2005), apresenta uma nova identidade indígena, um ser que transita entre as suas tradições e a sua luta para sobreviver, trabalhando nos mangues e na lavoura da cana.

Conclusão

A Gramática do Design Visual se constitui uma importante ferramenta para a análise de imagens, visto que, por meio dela, é possível descrever os seus significados. Os sentidos se revelam nas imagens através de inúmeros recursos, como a distribuição dos elementos na composição, a ênfase dada a determinados elementos da composição, as cores empregadas etc.

A imagem do índio pelos índios (Figura 1) se aproxima mais da realidade do indígena atual (usa roupas, habita casas, trabalha no corte da cana, ao mesmo tempo em que guarda suas tradições, como, por exemplo, a dança do Toré. A Figura 1 apresenta-se num livro de circulação restrita, que se limita às escolas indígenas do Estado da Paraíba, enquanto que a imagem do índio pelo não índio (Figura 2) se insere em uma revista de ampla circulação e que, por se tratar de uma publicação de uma instituição científica, legítima e afere confiabilidade ao que publica (discurso científico).

A imagem do índio pelo não índio (Figura 2) ainda está muito ligada à visão dos primeiros relatos de viagem do homem branco sobre o “Novo Mundo”, a América. O índio é representado como exótico, selvagem, diferente, de pele avermelhada.

Conforme Santos (2000), as representações dos indígenas americanos nem sempre retrataram a realidade e estão mais ligadas aos interesses europeus. Nos relatos de viagem dos Séculos XVI e XVII, as representações dos indígenas oscilam entre o selvagem e o exótico, o canibal e o bom selvagem. Os conflitos entre colonizadores e colonizados se refletem nos relatos de viagem e, também, nas imagens.

As visões dos indígenas, ou seja, as suas representações revelam as suas identidades, que não são fixas e estão em constante processo. Conforme Sarup (1996 apud LOPES, 2006), a identidade é incompleta, em processo e construída na e através da linguagem. Entendemos, então, que, na e através da linguagem visual, as identidades indígenas também se constroem. Essas identidades vêm à tona na dependência de práticas discursivas específicas em que as pessoas agem e como se posicionam nelas. As identidades se revelam nas imagens construídas pelos indígenas e sobre eles.

Ambas as imagens analisadas traduzem uma dicotomia de suas identidades, já que oscilam entre a figura do indígena estereotipado, natural das florestas, que usa cocar, e do indígena atual, habitante da cidade, trabalhador dos canaviais.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, D. B. L. (Org.) *Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog*. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2008.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CIÊNCIA Hoje*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 252, Set. 2008.
- FERNANDES, J. D. C.; ALMEIDA, D. B. L. . Revisitando a gramática do design visual em cartazes de guerra. In: ALMEIDA, D.B.L. (Org.). *Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog*. João Pessoa: Ed. Universitária, 2008. p. 9-31.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.
- JEWITT, C. *Handbook of visual analysis*. London: Sage, 2008.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2 nd. Ed. London: Routledge, 2006.
- LOPES, L. P. M. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. .Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.
- SANTOS, Y.S; SILVA, C.M. & ANDRADE, T.M. (Orgs.). *Os potiguara pelos potiguara*. Baía da Traição: SEGRAFF/FUNAI, 2005.
- SANTOS, Y. L. *Imagem do índio: o selvagem americano na visão do homem branco*. São Paulo: IBRASA, 2000.
- UNSWORTH, L. Describing visual literacies. In: _____. *Teaching multiliteracies across the curriculum: changing contexts of texts and image in classroom practice*. Philadelphia: Open University Press, 2001.
- VIGNA, D. O índio no discurso da imprensa escrita. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, DF, v.1, n. 1, p.9-27, 1995.